



Universidade da Madeira  
Centro de Competência de Ciências Sociais  
Departamento de Ciências da Educação  
1º Ciclo - Educação Básica, 3.º ano  
Iniciação à Prática Profissional VI

# **Reflexão Crítica: A Linguagem Oral Enquanto Veículo de Comunicação**

Ana Carolina Miranda Spínola, n.º 2060612

Junho de 2015

## **A Linguagem Oral Enquanto Veículo de Comunicação**

Na minha prática pedagógica, contactei com uma criança que não comunicava com os adultos da instituição. Tivemos a oportunidade de conversar com a Educadora Cooperante acerca desta situação e a mesma explicou-nos que a Vera, a criança em questão, conversava com os adultos da família, porém, no infantário não comunicava oralmente com ninguém, exceto as outras crianças. Ainda assim, quando conversava com os colegas, caso algum adulto conseguisse ouvi-la falar, a mesma calava-se até que este se afastasse. Embora a criança já tivesse sido acompanhada pelo Médico Pediatra, não se sabe a razão deste mutismo por parte desta criança, julgando-se que o mesmo poderá ser um mutismo seletivo devido a razões que se desconhecem<sup>1</sup>.

Esta situação leva-me a refletir acerca da linguagem oral enquanto meio de comunicação, contacto e interação com o outro e que desafios terá esta criança que enfrentar. Além disso, proponho-me a refletir acerca da importância de algumas estratégias para o Educador de Infância estimular a linguagem oral da criança, ao mesmo tempo que sugiro alguns meios para contornar este tipo de situações.

Neste sentido, considero pertinente começar esta minha reflexão com uma afirmação de Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p.7), de acordo com quem “Nesse processo [desenvolvimento da criança], são inquestionáveis o papel e a importância da linguagem como capacidade e veículo de comunicação e de acesso ao conhecimento sobre o mundo e sobre a vida pessoal e social.”. Analisando esta ideia, podemos compreender o valor fundamental que tem a linguagem oral na vida

---

<sup>1</sup> De acordo com as informações fornecidas pela Educadora Cooperante, este poderá ser um caso de mutismo seletivo, que se entende por uma recusa ou incapacidade de falar fora de casa, durante um período bastante longo, com uso normal ou quase normal da linguagem em ambiente familiar (Portugal, 1998).

quotidiana da criança, uma vez que é através desta que ela pode explorar e conhecer o mundo que a rodeia.

No que concerne à linguagem, Hohmann, Banet e Weikart (1995) referem que esta evolui e torna-se mais complexa de forma natural e por meio do intercâmbio verbal entre o adulto e a criança, embora em diferentes níveis para cada criança. Os mesmo autores sublinham a importância destas interações verbais surgirem de forma significativa para a criança, associadas a atividades e experiências concretas. Desta forma, promove-se o domínio progressivo da linguagem, que é característico das crianças em idade pré-escolar.

Hohmann e Weikart (2003) citam Michael Halliday, explicando que por volta dos 3/4 anos a linguagem é utilizada como forma de comunicar os seus sentimentos e desejos e de interagir com outras pessoas, perguntando-lhes coisas, pensando sobre elas e falando sobre situações imaginadas. Simultaneamente, as crianças nesta faixa etária começam também a ganhar um domínio sobre a gramática e a construir o significado de palavras específicas. Estes autores acrescentam, ainda, que estas crianças têm um desejo de compreender o que as rodeia e de serem compreendidas, servindo-se da linguagem como forma principal para comunicar esse desejo.

Atendendo a todos estes factos, julgo que será importante pensar acerca da situação da Vera. Como pudemos verificar, a literatura indica que a faixa etária dos 3-4 anos, aquela em que a Vera se encontra, é uma fase em que as capacidades linguísticas são fortemente impulsionadas. Através da comunicação por meio da linguagem oral, a criança melhora uma série de competências e adquire outras, fundamentais no seu processo de desenvolvimento global. Assim sendo, julgo que será preocupante o facto de esta criança não comunicar com os adultos em contexto

educativo, uma vez que este é um dos meios principais onde estas competências podem ser fortemente estimuladas e aperfeiçoadas.

Assim sendo, o cariz alarmante associado a esta situação exige que a mesma seja acompanhada adequadamente. Para tal, considero ser importante que a situação da Vera seja analisada numa perspetiva multidisciplinar, através da participação e interação de vários profissionais qualificados, não só de educação, mas também de outras áreas como a psicologia. Além disso, esta situação merece também um acompanhamento médico eficaz, de forma a despistar qualquer tipo de problemática mais preocupante que possa estar associada a este mutismo.

Após esta intervenção com os diversos profissionais, importa que se aja tendo em atenção que a linguagem oral não é a única forma de comunicação. Como tal, cabe à equipa de profissionais da sala criar e adotar estratégias alternativas à comunicação oral, de forma a garantir que esta criança se sente completamente integrada no grupo. Ministério da Educação (1997) ressalva a importância da comunicação não-verbal. Os gestos e a mímica podem ser uma forma de a criança se expressar e comunicar os seus sentimentos através da expressão dramática.

Utilizando em simultâneo estas estratégias alternativas, o Educador de Infância não deve deixar de estimular e incentivar a linguagem oral e verbal da criança. Para tal, o Ministério da Educação (1997) sugere no documento das *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* que se fomente o diálogo e a partilha de ideias com base em situações que suscitem o interesse das crianças e que se explore o caráter lúdico da linguagem, através da utilização e lengalengas, trava-línguas, rimas, adivinhas e os próprios sons da fala. Além disso, o educador deve promover situações diferenciadas de comunicação, em que a capacidade de comunicação oral seja estimulada perante diferentes situações e interlocutores.

Pude verificar isto na sala em que estive, uma vez que nem a Educadora Cooperante, nem as auxiliares forçavam a criança a falar. Embora não deixassem de incentivar a sua participação e de se dirigirem a esta criança oralmente tal como às outras, quando a criança não falava não a obrigavam a participar, nem a repreendiam. Pelo contrário, respeitavam a vontade da criança, permitindo manter um ambiente agradável e em que a criança demonstrava confiança perante a equipa educativa da sala. Julgo que esta é uma das formas essenciais de abordar este tipo de questão no quotidiano, não descurando o acompanhamento adequado. Embora este seja fundamental, a criança não deve nunca ser posta de parte devido à ausência de linguagem, tendo direito às mesmas experiências linguísticas que as restantes crianças, embora não se obtenha resposta da sua parte.

Esta situação despertou-me a atenção para as problemáticas que muitas vezes ocorrem no contexto de Educação de Infância e que poderão ter repercussões a nível do desenvolvimento da criança se não forem devidamente sinalizadas e acompanhadas. Assim, julgo que o Educador de Infância deve estar atento às mesmas, procurando sempre colmatar todas as dificuldades que a criança possa manifestar no seu processo de crescimento e desenvolvimento. Para tal, deve promover experiências enriquecedoras, mas que respeitem os seus interesses e satisfaçam as suas necessidades, estimulando sempre o avanço para novos patamares desenvolvimentais. O relacionamento com esta criança registou-se diferente do relacionamento com as demais crianças, mas nem por isso deixou de ser rico e afetivo. Como tal, julgo que esta reflexão foi importante, na medida em que me permitiu pensar, não só acerca do papel do Educador de Infância, mas também acerca da criança na sua globalidade, devendo todas as suas capacidades ser estimuladas e nunca reprimidas.

**Referências:**

Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. P. (1995). *A Criança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2003). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Retirado de <http://santiagomaior.drealentejo.pt/site/programas/ocpe>

Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches – Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. Porto: Porto Editora.

Sim-Sim, I., Silva, A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância – Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.